



**Universidade de Brasília**

**FACULDADE UnB PLANALTINA  
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS**

**Matheus Pereira de Almeida**

**A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES/AS ACERCA DO TRABALHO  
PEDAGÓGICO ENVOLVENDO ALUNOS/AS AUTISTAS**

**Planaltina-DF  
Agosto de 2024**



# **Universidade de Brasília**

**FACULDADE UnB PLANALTINA**

**LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS**

**Matheus Pereira de Almeida**

**A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES/AS ACERCA DO TRABALHO  
PEDAGÓGICO ENVOLVENDO ALUNOS/AS AUTISTAS**

**Trabalho de Conclusão de Curso à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Licenciado do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação da Profa. Juliana Eugênia Caixeta.**

**Planaltina-DF  
Agosto de 2024**

# **A Percepção de professores/as acerca do trabalho pedagógico envolvendo aluno/as autistas**

**Matheus Pereira de Almeida**

## **Resumo**

Neste estudo, aborda-se a percepção de professores/as acerca do trabalho pedagógico envolvendo alunos/as autistas. Utilizou-se uma abordagem qualitativa, na qual o pesquisador explora os detalhes da realidade por meio de entrevistas individuais ou em grupais, questionários abertos, observação e outras estratégias de pesquisa. Para isso, um questionário com perguntas abertas foi elaborado e enviado para os para os/as professores/as da Educação Básica, a fim de obter dados para a pesquisa. Como resultado, onze docentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e responderam ao questionário. Esse questionário dialoga com os três objetivos específicos da pesquisa, que são: i) compreender a formação dos professores que trabalham com estudantes autistas; ii) explorar as práticas pedagógicas desses professores; e iii) investigar o Atendimento Educacional Especializado (AEE) oferecido aos alunos autistas. A pesquisa permitiu compreender que, para os/as docentes, a prática pedagógica necessita de adequação de conteúdo, linguagem, tempo, avaliação e recurso de ensino, como uso de jogos e materiais concretos. Os/As docentes reconheceram que um ambiente calmo é muito importante para se trabalhar com estudantes autistas, assim como manter rotinas que geram previsibilidade do que vai acontecer na aula. Desta forma, podemos observar que a formação docente é muito importante para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem dos/as alunos/as autistas. Essa formação deve ser baseada em uma prática pedagógica que necessita de adequação curricular para atender as necessidades dos/as estudantes autistas.

## **Palavras-chaves**

Autismo; Trabalho Pedagógico; Formação de Professores; Atendimento Educacional Especializado (AEE)

## **1. Introdução**

Esta pesquisa deseja compreender a percepção de professores/as acerca do trabalho pedagógico envolvendo alunos/as autistas.

Na contemporaneidade, a pesquisadora Lopes (2017) relata que o caso de diagnósticos de pessoas autistas tem aumentado muito no Brasil. Esta autora também descreve que houve um aumento significativo de número de estudantes autistas matriculados/as na Educação Básica.

Como o Brasil é signatário da Declaração de Salamanca (Unesco, 1994), desde a década de 1990 do século XX, ele está comprometido com a Educação Inclusiva. Portanto, é esperado que docentes de todo o país acolham e tenham estratégias e recursos de ensino para mediar a aprendizagem de estudantes autistas, considerando suas características específicas.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2017) é um documento que reforça a Educação Inclusiva no Brasil. No entanto, se, por um

lado, a legislação brasileira é avançada tendo em vista a Educação Inclusiva; por outro, há desafios (Souza, 2021).

Neste trabalho de pesquisa, é fundamental relatar que as mudanças de um ensino tradicional para um inclusivo implicam a formação e a atuação de docentes comprometidos/as com o atendimento da diversidade e das especificidades de cada estudante (Souza, 2022). No caso de alunos/as autistas, cada pessoa tem uma característica específica, o que exige adequações específicas para atender as necessidades de cada um/a (APA, 2014). Por isso, Germano (2021) defende o uso de Planos Educacionais Individualizados para estudantes com TEA.

No entanto, ao contrário dessa realidade, há estudantes autistas que se queixam de muitas dificuldades na escola, por não serem considerados/as em suas especificidades. Muitas vezes, sentem-se isolados/as na turma e não percebem que seus professores e suas professoras estão atentos/as às necessidades de adequação de que necessitam. Isso se deve, entre outras causas, ao fato de, no ensino regular, muitos professores e professoras não terem tido uma formação adequada para atender este tipo de público. Desse contexto, surge a relevância dessa pesquisa, que tem por interesse identificar a percepção de professores/as acerca do trabalho pedagógico envolvendo alunos/as autistas. Para isso, elencamos objetivos específicos: i) entender a formação docente de profissionais que atuam com estudantes autistas; ii) conhecer as características do trabalho pedagógico oferecido por docentes a estudantes autistas e iii) conhecer as características do Atendimento Educacional Especializado (AEE) ofertado para os/as estudantes autistas.

## **2. Fundamentação Teórica**

Lopes (2017) caracteriza que a Educação Inclusiva está fundamentada nos princípios da Revolução Francesa, tais como: liberdade, igualdade e solidariedade. Na América do Sul, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 foi baseada nas ideias iluministas desses revolucionários franceses, onde a dignidade da pessoa humana é respeitada (Brasil, 1988). Portanto, o objetivo principal da Educação Inclusiva é promover a equidade e o respeito pela diversidade, valorizando, assim, o pluralismo das condições de existência.

Freire (1974) caracteriza que esta educação precisa ser baseada em um currículo transformador, com a finalidade de desenvolver quatro competências: a equidade, a igualdade, a fraternidade e o respeito pela diversidade. A presença de estudantes com deficiência e/ou transtorno e/ou altas habilidades na escola provocou mudanças de concepções e ações: “as inovações costumam ser produzidas a partir de uma demanda externa, como é o caso de reforma educacional, somada ao desejo de mudança na educação” (Almeida; Bastos, 2007, p. 215).

De acordo com esse cenário, esta modalidade de ensino de caráter inclusivo leva em consideração alguns fatores, tendo como exemplo: as habilidades do aluno/da aluna, a cosmovisão de mundo da pessoa, a história de vida do cidadão/da cidadã, o conhecimento prévio do/a estudante, os valores sociais e morais do sujeito.

Neste trabalho, interessa-nos a percepção de professores/as acerca do trabalho pedagógico envolvendo alunos/as autistas.

Souza e Rezende (2021) definem que o autismo não é uma patologia, mas sim uma condição específica de neurodesenvolvimento do indivíduo. O transtorno está relacionado ao comportamento repetitivo e restritivo.

O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (APA, 2014) conceitua que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento no qual há "(...) prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social (...) e padrões restritivos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (...)" (p.53). Outra definição é o seguinte:

O Transtorno Autista é uma condição classificada no DSM-5 como pertencente à categoria denominada Transtornos de Neurodesenvolvimento, recebendo o nome de Transtornos do Espectro Autista (TEA). Assim, o TEA é definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico, que deve estar presente desde a infância, apresentando déficit nas dimensões sociocomunicativa e comportamental (Nunes; Azevedo; Schmidt, 2013, p. 558).

Segundo o Manual do DSM V (2014), o autismo é dividido em três níveis de necessidade de suporte. Assim, cada nível indica a necessidade de suporte para a pessoa ser incluída socialmente. No nível 3, a pessoa necessita de máximo cuidado. Ela precisa de mais apoio para as atividades da vida diária. Como resultado, sua família assim como o Estado é responsável por manter um/a profissional especializado/a em autismo para atender as suas necessidades tanto educacionais quanto pessoais. No nível 2, o indivíduo necessita de apoio substancial em sua rotina. Necessita fazer terapias intensivas, mas não precisa de cuidados por todos os momentos.

A pessoa nível 1 de suporte necessita de terapias regulares para ter suas dificuldades compensadas (Vigotsky, 1995). Por compensação, Vigotsky (1995) entende a capacidade de o jeito que tem deficiência ou transtorno usar suas habilidades, desenvolvidas no meio social, para superar as dificuldades que são típicas da condição biológica de se ter uma deficiência e/ou transtorno.

Souza e Rezende (2021) destacam que as pessoas autistas podem ter atraso no processo de desenvolvimento da comunicação, da socialização e da cognição. Por outro lado, podem, também, ter altas habilidades. Nesse caso, nomeamos pessoas com dupla excepcionalidade (Silva; Caixeta, 2021).

No atual contexto social do Brasil, uma grande parcela dos professores e das professoras da rede pública não possui uma formação adequada em autismo, conforme destacado pelas autoras Barbosa, Peres e Przylepa (2020). Como resultado, o processo de ensino-aprendizagem dos alunos e das alunas autistas pode ficar um pouco negligenciado, conforme destacado pelas professoras Sousa e Oliveira (2022).

Muitas vezes, as crianças e os adolescentes autistas sentem-se isolados/as na turma. Como resultado, essas pessoas podem adquirir ansiedade e aflição. Estes dois estados emocionais são os principais fatores do isolamento, conforme destacado pela professora Gentilin (2021).

Nesse sentido, evidenciamos a relevância de uma pesquisa que investiga a percepção de professores/as acerca do trabalho pedagógico envolvendo alunos/as autistas. Isso porque o trabalho pedagógico precisa prever adequações para que o/a estudante autista consiga se sentir incluído na sala de aula.

O artigo científico, elaborado pelas autoras Onohara, Cruz e Mariano (2018), buscou compreender como o trabalho pedagógico funciona em relação aos alunos e às alunas autistas. As participantes da pesquisa foram três professoras do Ensino Fundamental. Cada professora contou um pouco da sua experiência. No conjunto, elas relataram que o trabalho pedagógico envolvendo alunos/as autistas não é uma tarefa fácil, pois esse trabalho demanda muita dedicação do professor ou da professora e tem como objetivo principal complementar e suplementar a formação de alunos e alunas autistas. Apesar disso, é importante mencionar que, na parte de análise de dados, as três participantes da pesquisa descrevem que o autismo é um transtorno do desenvolvimento que pode prejudicar o processo de ensino-aprendizagem dessas pessoas. Além disso, elas ressaltam a importância do trabalho pedagógico, da cuidadora, da família, da equipe pedagógica e da rotina para a formação dos alunos e das alunas autistas. E, comentam que a escola de Bauru possui um programa de Atendimento Educacional Especializado (AEE) que dura em torno de 50 minutos cada atendimento.

Nessa pesquisa, foi identificado que estudantes autistas que fazem parte do Programa de Atendimento Educacional Especializado (AEE) têm a oportunidade de receber uma educação individualizada, onde suas necessidades específicas são atendidas, pois o/a professor/a desse programa tem formação específica. Segundo Brasil (2009), são atribuições do professor ou da professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE):

Art. 13. São atribuições do professor do Atendimento Educacional Especializado: I –identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da Educação Especial; II –elaborar e executar plano de Atendimento Educacional Especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade; III – organizar o tipo e o número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncionais; IV –acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola; V –estabelecer parcerias com as áreas intersetoriais na elaboração de estratégias e na disponibilização de recursos de acessibilidade; VI –orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno; VII –ensinar e usar a tecnologia assistiva de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia e participação; VIII –estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares (Brasil, 2009).

O artigo das professoras Sousa e Oliveira (2022) apresenta uma pesquisa feita com quatro professoras formadas em Pedagogia sobre autismo e Inclusão

Escolar. Elas responderam a um conjunto de perguntas que compunham um questionário. Todas as professoras participantes lecionavam para os/as alunos/as de Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Os resultados mostraram que o autismo é um assunto polêmico que chama a atenção de vários pesquisadores e várias pesquisadoras do campo educacional, especialmente da Educação Especial. Na escola, as ações educacionais e intervenções de manejo psicológico são considerados muito importantes para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem de estudantes com TEA.

As autoras Sousa e Oliveira (2022) notaram que as quatro docentes citadas escreveram bastante sobre as dificuldades comunicativas dos/as alunos/as autistas na sala de aula. Elas mencionaram que alguns alunos/algumas alunas são mais agitados/as que outros/as. Elas também expressaram a falta de preparação específica para trabalhar com estudantes com TEA.

As professoras Madureira, Xavier, Costa e Flexa (2022) fizeram uma pesquisa do tipo o Estado da Arte sobre a prática pedagógica oferecida para os/as alunos/as autistas. Elas investigaram publicações dos últimos dez anos nos bancos de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDBTD).

Segundo as professoras Madureira, Xavier, Costa e Flexa (2022), a prática pedagógica deve ser definida a partir do conceito de intencionalidade. Nas palavras das autoras e do autor:

a prática é constituída de intencionalidades e, portanto, não podemos ignorar que ela é produto da intervenção humana. E se assim ela se apresenta, significa dizer que a ideia de prática pedagógica está estritamente ligada ao fato da intencionalidade, a saber, um evento de cunho pedagógico só terá sentido de aprendizagem efetiva se em sua realização estiver implicado propósitos significativos e intenções relativas a uma prática (Madureira; Xavier; Costa; Flexa, 2022, p. 27).

E continuam: “(...) as práticas pedagógicas são aquelas que se organizam para concretizar determinadas expectativas educacionais, como, por exemplo, a aprendizagem efetiva dos alunos” (p. 28). Isso implica que práticas pedagógicas para estudantes autistas, necessariamente, precisam desvelar a intenção de educá-los/as bem como a todos/as os/as estudantes que compõem a classe.

As autoras e o autor encontraram seis dissertações que atenderam aos critérios da pesquisa. As dissertações convergiram no sentido de apresentarem a formação docente como um importante desafio para a prática pedagógica com estudantes autistas. Em um dos estudos, a autora obteve resultados nos quais havia o questionamento, por docentes, sobre a viabilidade de incluir estudantes com TEA na escola.

Nesse sentido, a pesquisa de Madureira, Xavier, Costa e Flexa (2022) não conseguiu encontrar as práticas pedagógicas adotadas por docentes das pesquisas para mediar o conhecimento com estudantes autistas. Os resultados das pesquisas de Mestrado apontavam mais para as dificuldades do trabalho com estudantes autistas, por exemplo, a dificuldade de construir comunicação e a ausência de infraestrutura e formação adequada para a atuação com esse público.

Os resultados apontaram para o fato de que a inclusão escolar ainda é um desafio a ser superado por muitos professores, e que essa percepção de não credibilidade e de que não é possível a inserção dos alunos em classes regulares ainda é reflexo de uma formação inicial e continuada historicamente pautada na padronização dos alunos e nos estereótipos de marginalização aos que não são semelhantes. Conclui-se que é urgente a garantia de práticas pedagógicas inclusivas, bem como a formação continuada docente, para que acolham a todos e promovam a educação integral do aluno com TEA (Madureira; Xavier; Costa; Flexa, 2022, p. 23).

Na sua obra, a professora Gentilin (2021) escreveu um Relato de Experiência detalhado sobre as práticas pedagógicas ofertadas para um aluno autista, nomeado por J.K.L., para ele não ser identificado.

J.K.L. estudava no Ensino Fundamental II e Gentilin (2021) foi a Professora de Apoio Educacional Especializado (PAEE) que o acompanhou ao longo de sete anos consecutivos. Ela e os outros profissionais da área da Educação conversavam muito com o aluno J.K.L. sobre a importância o processo de socialização.

Este processo educacional ocorreu no Colégio Estadual Igléa Grollmann – EFM, em Cianorte-PR. Nesse colégio, muitos projetos, como as Campanhas na Semana de Conscientização Mundial do Autismo e Cinema na Escola, além de palestras e oficinas pedagógicas, foram desenvolvidos ao longo do tempo, para favorecer a inclusão do estudante J.K.L.

O estudante com TEA tinha 11 anos, quando chegou à escola. Foi matriculado em 2014. Tinha o diagnóstico de Autismo leve.

Do 6º ao 8º ano, o estudante participou de alguns eventos do colégio sobre o combate ao *bullying*, gostou das aulas de astronomia, falou sobre suas frustrações para a PAEE, aprendeu algumas figuras de linguagem na aula de Língua Portuguesa, comentou sobre os filmes que assistiu para a PAEE.

É importante esclarecer que estudantes com autismo tendem a ter dificuldades na compreensão das figuras de linguagem, devido às características do seu cérebro que não processa com facilidade metáforas, piadas, trocadilhos, entre outros tipos de discursos.

Nesses anos, J.K.L. tinha dificuldade para lembrar os nomes dos/as colegas e dos/as professores/as. Tomava Ritalina para tratar o Transtorno de Déficit de Atenção, uma comorbidade do Autismo (APA, 2014).

J.K.L. sentiu ansiedade durante o 6º aos 8º anos. Identificou, com as/os profissionais da escola, que essa ansiedade estava relacionada com a sensação de abandono.

A autora Gentilin (2021) descreve que, no Colégio Estadual Igléa Grollmann, o teatro, a dança, a confecção de materiais pedagógicos são as principais atividades, onde os alunos com/sem TEA trabalham em grupo. No entanto, J.K.L. apresentava dificuldades para interagir com outras pessoas e não gostava de fazer trabalhos em grupo.

Nesse período, ele também não gostava das aulas de Educação Física e achava que os conteúdos sobre puberdade eram entediantes.

Durante o Ensino Fundamental II, os professores mudavam de uma sala para outra, ou seja, o ambiente de trabalho desses profissionais da área da Educação não era fixo. Essa estratégia da escola trazia desconforto para J.K.L.

Apesar do desconforto, ele permanecia firme no processo educativo. Sua escrita melhorou bastante com passar do tempo, e ele começou a ler livros literários, o que ajudou no seu processo de ensino-aprendizagem.

Sua interação social com os outros colegas também progrediu significativamente. Apesar disso, é importante mencionar que, no texto, esse aluno gosta de histórias em quadrinhos e se comunica por meio de gestos. Portanto, podemos dizer que a equipe da escola procurou compreender as especificidades deste aluno e a sua história de vida, proporcionando um ambiente acolhedor e favorável ao seu desenvolvimento.

No 9º ano, em 2017, o J.K.L. estava com 14 anos. O comportamento dele mudou bastante de uma série para outra. Por exemplo, ele se tornou um adolescente mais “maduro”. Durante a leitura do texto, o garoto ganhou mais confiança por causa do atendimento da PAEE e abandonou alguns hábitos infantis, como pegar o boné de uma pessoa e jogar no chão da escola, conforme destacado pela educadora Gentilin (2021). Diante desta realidade, a autora também aponta um fato interessante: o jovem fez um soneto na aula de Língua Portuguesa, que está transcrito a seguir:

*De tudo ao meu amor serei  
Cuidadoso e delicado  
Gentil e educado  
Bondoso e sincero  
Quero vivê-lo  
A cada momento  
A cada hora do dia  
A cada dia do ano  
E assim, quando mais tarde me procure  
Eu estarei esperando por você  
Para te amar e adorar por todo o sempre*

*Que eu possa dizer do amor que tive:  
Foi intenso, emocionante, divertido e apavorante  
Todavia foi muito apaixonante  
(Gentilin, 2021, p. 178)*

De acordo com os fatos apresentados acima, a Gentilin (2021) lançou um pequeno desafio para a turma, onde cada aluno deveria abraçar um membro da família, quando chegasse em casa. Infelizmente, poucos alunos conseguiram completar essa tarefa. No caso do estudante J.K.L., o desafio, que foi proposto pela PAEE, foi cumprido com sucesso.

Na aula de Matemática, a professora notou que o estudante J.K.L. estava tendo dificuldade e ela sentou ao lado dele para ajudar. Essa estratégia foi importante para J.K.L.

É importante mencionar que, em 2017, o estudante J.K.L. parou de tomar Ritalina.

No Ensino Médio, a principal dificuldade do estudante J.K.L. era estabelecer uma relação entre a imagem das pessoas e seus respectivos nomes, conforme destacado pela autora Gentilin (2021). Desta forma, ele acreditava que sua dificuldade poderia indicar Alzheimer. Além disso, sentia-se incapaz de demonstrar tristeza em momentos como a morte de alguém. Em certo momento, ele se interessou pela área socioemocional, pois ele queria aprender a maneira correta de se expressar.

Ao final do trabalho, Gentilin (2021) defende que todos os profissionais da área da Educação precisam trabalhar em conjunto com a sociedade. Desta forma, os estudantes autistas serão inseridos no processo de inclusão. Esse processo pode ocorrer tanto na escola quanto fora dela, como em atividades extracurriculares. Para isso, as Diretrizes do Projeto Político-Pedagógico (PPP) devem estar adequadas às necessidades dos/as alunos/as com TEA.

### **3. Metodologia**

Esta pesquisa utilizou uma metodologia qualitativa. De acordo com a autora Martins (2004), este tipo de metodologia utiliza o uso da intuição, da imaginação e da experiência do pesquisador e/ou da pesquisadora para investigar um determinado fenômeno. Ao mesmo tempo, o/a pesquisador/a desenvolve três habilidades, podemos citar: a solidariedade, a harmonia e a criatividade. Desta forma, podemos definir que a metodologia qualitativa é um enfoque de pesquisa que estuda as análises de microprocessos da realidade por meio de entrevistas individuais ou grupais, questionários abertos, observação e outras técnicas de pesquisa.

Sampieri, Collado e Lucio (2013) caracterizam a pesquisa qualitativa como um enfoque metodológico de investigação flexível. Os autores e a autora argumentam que, na coleta de dados, a pesquisa qualitativa não usa os princípios da estatística, diferentemente da pesquisa quantitativa, pois o objetivo principal dela é compreender o fenômeno na sua especificidade e não investigar

padrões de comportamento do fenômeno, para que haja previsão. Portanto, neste trabalho investigativo, esta pesquisa vai utilizar a técnica questionário para o levantamento de dados.

### **3.1. Método**

- **Participantes**

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, onze professores/as da Educação Básica foram os/as participantes da pesquisa.

- **TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

O TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é um documento no qual o pesquisador ou a pesquisadora apresenta o objetivo, o método e o uso posterior dos dados coletados no processo de investigação. Trata-se de um documento que descreve os direitos do/a participante bem como os benefícios da pesquisa para ele/a e para a sociedade em geral.

De acordo com os professores Maluf e Garrafa (2011), o TCLE segue os princípios da Bioética, ou seja, quando um ser humano participa de uma pesquisa, ele é tratado pelo pesquisador e pela pesquisadora com dignidade e sua opinião é respeitada. Dessa forma, podemos observar que o pesquisador e a pesquisadora adotam uma postura humana e, ao mesmo tempo, trabalha de maneira responsável.

Pesquisas que utilizam esse documento, o TCLE, cresceram bastante no século XX, pois valoriza o princípio da beneficência em vez da maleficência. Nesse caso, é importante conceituar que a Bioética é uma ciência que se preocupa com as questões referentes aos direitos humanos e à cidadania. Para Garrafa (2005), a Bioética faz parte do campo da ética que aborda questões éticas relacionadas à vida e à saúde.

Portanto, se uma pessoa deseja participar desta pesquisa, cujo tema é a percepção de professores/as acerca do trabalho pedagógico envolvendo alunos/as autistas, ela deve assinar o TCLE, indicando que foi devidamente informada sobre os objetivos da pesquisa. Depois de assinar o TCLE, o/a participante da pesquisa pode responder as perguntas do questionário.

Os/as professores/as que assinarem o TCLE podem desistir da pesquisa a qualquer momento. Essas pessoas não serão discriminadas. A não discriminação é uma exigência ética para pesquisadores/as de qualquer área do conhecimento e de qualquer lugar do mundo.

O documento do TCLE está no Apêndice 1.

- **Técnica e Instrumento de pesquisa**

A técnica escolhida para essa pesquisa foi questionário no formato online.

O questionário é uma técnica de pesquisa na qual queremos saber a opinião dos/as participantes da pesquisa, sem a interferência do pesquisador/a (Sampieri, Collado, Lucio, 2013).

Para concretizarmos a técnica, elaboramos um formulário de questionário na plataforma *Google Forms*.

É importante mencionar que o formulário do questionário foi composto por três perguntas, que buscavam compreender a visão dos/as professores/as em relação ao ensino de alunos/as autistas (TEA) (ver quadro 1). Além disso, incluiu seis questões que exploram as seguintes variáveis: Série, Nível da Educação (Ensino Fundamental, Ensino Especial e outros), Formação Profissional, Anos de Docência, Curso de Pós-Graduação e/ou Aperfeiçoamento e Formação Específica em TEA (ver quadro 2).

**Quadro 1:** apresenta o formulário de questionário utilizado na pesquisa

<b>A percepção de professores e professoras acerca do trabalho pedagógico envolvendo alunos e alunas autistas</b>	
<b>Acolhimento e informação sobre os procedimentos éticos da pesquisa.</b>	
1)	Como você percebe o trabalho pedagógico que você faz com alunos e alunas autistas?
2)	Quais são as características do trabalho pedagógico que você desenvolve com estudantes autistas?
3)	O/a estudante autista, que você ensina, participa do Atendimento Educacional Especializado? Se sim, você sabe como funciona esse atendimento?

Fonte: Autor (2024).

No que diz respeito às perguntas do Quadro 1, elas estavam incluídas no formulário do questionário após o TCLE. Portanto, a pessoa só tinha acesso às perguntas se concordasse com a participação na pesquisa.

O Quadro 2 apresenta perguntas relacionadas às informações sócio-profissionais dos/as participantes.

**Quadro 2:** Caracterização dos/as participantes da pesquisa e variáveis correlacionadas a cada item.

<b>PERGUNTAS</b>	<b>VARIÁVEIS</b>
Em que série você leciona?	<b>SÉRIE</b>
Em qual nível da educação básica você trabalha: ensino médio, ensino fundamental ou outro?	<b>NÍVEL DA EDUCAÇÃO BÁSICA</b>
Qual sua formação profissional?	<b>FORMAÇÃO PROFISSIONAL</b>
Quantos anos de docência você tem?	<b>ANOS DE DOCÊNCIA</b>
Você possui algum curso de pós-graduação e/ou aperfeiçoamento? Se sim, quais?	<b>CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO E/OU APERFEIÇOAMENTO</b>

Você tem alguma formação específica sobre o autismo? Se sim, qual?	<b>FORMAÇÃO ESPECÍFICA EM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA</b>
--	--

Fonte: Autor, 2024.

As perguntas do quadro 2 foram transformadas em variáveis. Na seção Resultados e Discussão, estas variáveis se encontram no Quadro das Variáveis, respectivamente Quadros 3 e 4.

#### • **Procedimentos de construção das informações**

O link do formulário de questionário foi enviado a docentes que atuam com estudantes autistas.

Os contatos dos/as docentes foram conseguidos com uma mediadora, que conhecia diferentes docentes que atuavam com estudante autistas. profissionais que a indicavam.

Com isso, *o link* do formulário era encaminhado a cada docente por meio do *whatsApp*.

Na oportunidade do contato, eu me apresentava como pesquisador da Faculdade UnB Planaltina e pedia ajuda para responder meu formulário de questionário.

O formulário foi enviado para onze pessoas. Onze responderam o formulário.

#### • **Procedimentos de análise de dados/informações**

O processo de análise foi inspirado em Bardin (2016). Foi dividido em 5 passos/etapas:

- i. Leitura repetitiva das respostas dos formulários.
- ii. Organização dos textos em grupos.
  - a. Grupos: agrupamento de conteúdos parecidos que foram retirados das respostas dos/as participantes, ou seja, respostas com núcleos de sentidos semelhantes.
- iii. Formação das categorias das respostas em relação ao tema.
- iv. Verificação da relação entre as respostas entre grupos separados com respostas similares entre os outros.
- v. A síntese dos resultados finais da pesquisa.

## **4. Resultados e Discussão**

As respostas ao formulário de questionário trouxeram muitas informações sobre a percepção de professores/as acerca do trabalho pedagógico envolvendo alunos/as autistas. Elas foram alinhadas aos objetivos específicos propostos nesta pesquisa, que são: i) entender a formação docente de profissionais que atuam com estudantes autistas; ii) conhecer a percepção de docentes sobre as características do Atendimento Educacional Especializado (AEE) ofertados para

os estudantes autistas e iii) conhecer as características do trabalho pedagógico oferecido por docentes a estudantes autistas.

Os resultados serão apresentados e discutidos a partir de categorias. Antes, porém, apresentaremos uma síntese de como as informações foram obtidas.

- **Categoria 1: Docentes**

Nesta categoria, apresentamos as informações sobre os/as participantes. Eles/as foram denominados como P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10 e P11.

De acordo com a Resolução 510 (Brasil, 2016), a identidade dessas pessoas foi preservada.

Cada participante da pesquisa falou um pouco sobre sua formação e atuação. Essas informações são fundamentais para entender melhor sua jornada acadêmica. O quadro 3 apresenta informações sobre as/os participantes.

**Quadro 3:** Variáveis dos dados sócio-profissionais.

<b>PARTICIPANTES</b>	<b>SÉRIE</b>	<b>NÍVEL DA EDUCAÇÃO BÁSICA</b>	<b>FORMAÇÃO PROFISSIONAL</b>
<b>P1</b>	Terceiros anos	Ensino Fundamental 1	Pedagoga
<b>P2</b>	Não tem série específica.	AEE	Ciências Naturais e Pedagogia.
<b>P3</b>	Atendimento Educacional Especializado	Ensino Especial	Pós-Graduada
<b>P4</b>	3º ano	Ensino Fundamental 1	Pedagoga
<b>P5</b>	Nonos anos	Ensino Fundamental 2	Química
<b>P6</b>	6º ao 9º ano	Ensino Fundamental 1	Doutoranda, Licenciada em Física
<b>P7</b>	Sétimos anos	Ensino Fundamental 2	Licenciatura em Ciências Naturais, Educação Física (Licenciatura) e Pedagogia
<b>P8</b>	Sexto, sétimo e oitavo anos	Ensino Fundamental 2	Licenciatura em Ciências Biológicas
<b>P9</b>	Anos iniciais do ensino fundamental.	Anos iniciais do Ensino Fundamental.	Curso magistério, licenciatura em Biologia, especialização em educação inclusiva e mestrado em ensino de Biologia.

<b>P10</b>	6° ano ao 9° ano	Ensino fundamental 2	Professora de Física/ ciências com habilitação no AEE
<b>P11</b>	Sextos Anos.	Ensino Fundamental 2	Ciências Naturais

**Fonte:** Autor (2024).

☺: Espaço em branco

Nesta primeira fase de Análise e Interpretação de Resultados, observamos que, no Quadro 3, todos/as os/as participantes da pesquisa possuem formação em Pedagogia, exceto P5, formado/a em Química; P6, formado/a no curso de Licenciatura em Física; P9, formado/a no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas; P10, formada em Física e Ciências com habilitação no AEE; e P9, formada no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e especializada em Educação Inclusiva. Segundo o professor Ghiraldelli (1987), a Pedagogia é um campo de estudo que se preocupa com a teoria, prática e metodologia do ensino e da Educação.

O quadro também mostra que os indivíduos P1, P4, P5, P6, P7, P8, P9 e P10, que correspondem a 72% dos participantes, lecionam para os/as alunos/as do Ensino Fundamental. Especificamente, P1 e P4 atuam no terceiro ano (Anos Iniciais); P5 dá aula apenas para as turmas do 9°ano (Anos Finais); P6 e P10 atuam no 6° ao 9°ano (Anos Finais); P6 trabalhou no 9°ano (Anos Finais); P11 trabalhou apenas no 6°ano (Anos Finais); P7 e P8 dão aula para as turmas do 7° ano, sendo que P8 também leciona para as turmas do 6° e 8°anos.

Apesar disso, o quadro descreve que P2 não está vinculada a uma séria específica da Rede Pública. Pode ser que seja docente do Atendimento Educacional Especializado.

Observamos também que o participante P3 está envolvido na Educação Especial, atendendo estudantes com Deficiência Física (DF), Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Deficiência Múltipla (DMU).

Por fim, vimos que P2, P7, P10 e P11, que correspondem a 41,66%, são os únicos que possuem curso de graduação em Ciências Naturais. Para o autor Arroyo (1988), a ciência é um saber sistemático e rigoroso.

No Quadro 4, temos informações detalhadas sobre os/as participantes da pesquisa em relação à sua formação e experiência docente. Por exemplo, o indivíduo P1 possui três anos de docência e participou de um curso de Orientação Educacional ao longo de sua carreira. No entanto, não recebeu formação específica em Transtorno do Espectro Autista (TEA). Já P2 e P11 têm dois anos de docência e formação em Educação de Jovens e Adultos (EJA), Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD). Apesar disso, P2 possui experiência em Orientação Educacional, Psicopedagogia e Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico.

**Quadro 4:** Variáveis relacionadas à formação e tempo de docência.

<b>PARTICIPANTES</b>	<b>ANOS DE DOCÊNCIA</b>	<b>CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO E/OU APERFEIÇOAMENTO</b>	<b>FORMAÇÃO ESPECÍFICA EM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA</b>
<b>P1</b>	3 anos	Orientação Educacional	Não
<b>P2</b>	2 anos	Orientação Educacional, Psicopedagogia e Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico.	Sim.
<b>P3</b>	32 anos	Sim	Não
<b>P4</b>	25 anos.	Orientação Educacional e Gestão Escolar.	Sim
<b>P5</b>	30 anos	Educação para Ciência. Mestrado em Química Orgânica	Não
<b>P6</b>	26 anos	Educação Inclusiva.	Sim
<b>P7</b>	10 anos	Especialização em Educação Física e Recreação	Não
<b>P8</b>	16 anos	Educação Ambiental. Mestrado em Educação	Não
<b>P9</b>	19 anos	Educação Inclusiva. Mestrado em Ensino de Biologia.	Sim
<b>P10</b>	27 anos	Mestrado no Ensino de Ciências, cursando doutorado	Sim
<b>P11</b>	2 anos	Estou cursando Mestrado em Educação em Ciências na área da Inclusão.	Não.

**Fonte:** Autor (2024).

Por um lado, P3 possui 32 anos de docência e participou de formação continuada, mas não tem formação específica em TEA. Por outro, P4 possui Pós-graduação em Orientação Educacional e Gestão Escolar, acumulando 25 anos de docência, e, atualmente, está aposentada.

P9 tem 16 anos de docência, e P8 possui especialização em Educação Ambiental e Mestrado em Educação.

P5 tem 30 anos de docência e especialização em Química Orgânica, mas não tem formação específica em TEA. Já P7, com 10 anos de docência, participou formação continuada, mas não recebeu formação em TEA.

P9, com 29 anos de docência, possui curso de formação continuada voltados especificamente para estudantes autistas.

Portanto, 45% dos/as participantes da pesquisa, a saber: P2, P4, P6, P9 e P10, receberam formação específica em TEA. Ao contrário, P1, P3, P5, P7, P8 e P11, que correspondem a 45% do total de participantes, não receberam.

Além disso, todos possuem um curso de Pós-Graduação e/ou Aperfeiçoamento. De todos/as, temos que 45% têm Pós-Graduação *stricto sensu*, que é Mestrado e/ou Doutorado.

## **Categoria 2: Trabalho Pedagógico com estudantes com TEA**

Esta categoria buscou investigar os significados atribuídos pelos/as participantes para o trabalho pedagógico para estudantes autistas. Percebemos, pelas respostas (ver quadro 5), que os/as docentes estão, em maioria, percebendo a prática pedagógica tal como mencionado por Madureira, Xavier, Costa e Flexa (2022), ou seja, como uma atuação refletida, que considera as especificidades dos/as estudantes autistas.

Os/as professores/as P1, P4, P6, P8 e P11, que correspondem a 45%, destacam a importância da adequação curricular e metodológica, onde o currículo, os conteúdos e as metodologias passam por um processo de adequação, a fim de atender melhor os/as alunos/as autistas.

Segundo as autoras Leite, Silva, Mennocchi e Capellini (2011), a adequação curricular é uma resposta educativa de um determinado sistema educacional. Esse tipo de resposta faz algumas modificações no currículo com o objetivo de oferecer oportunidade de ensino para todos/as os/as alunos/as da escola. No caso dos/as alunos/as autistas, o objetivo dessas modificações é suplementar e/ou complementar à formação desse público

Interessante notar que, dos/as docentes que trataram as adequações curriculares como orientações fundamentais para suas práticas pedagógicas para estudantes autistas, apenas P4 e P6 tiveram formação específica em TEA.

As adequações mencionadas podem acontecer na turma, nos conteúdos, na metodologia, nas atividades, nas autoavaliações, no atendimento individualizado, a partir da aplicação de teorias que valorizam o processo inclusivo, como o Desenho Universal e os recursos das Tecnologias Assistivas.

De acordo com Oliveira, Munster e Gonçalves (2019), o Desenho Universal é uma metodologia que visa criar ambientes acessíveis e inclusivos para todos/as os/as alunos/as. Esse tipo de metodologia utiliza três princípios-chave: engajamento, que promove a motivação de todos/as; representação,

onde as informações podem ser apresentadas de várias formas; ação e expressão, que proporciona diferentes maneiras para que os/as alunos/as possam demonstrar suas habilidades e conhecimentos na sala de aula. Esses princípios são muito importantes para garantir a aprendizagem de todos/as, independentemente de suas capacidades ou diferenças.

Segundo os autores Conte e Basegio (2015), as Tecnologias Assistivas (TA) compõem a área de conhecimento que investiga e produz recursos de acessibilidade para eliminar barreiras que dificultam a atuação social das pessoas com deficiência e/ou transtornos. Os recursos de TA no espaço pedagógico podem ser: i) recursos materiais, como: lupas, amplificadores, régua, entre outros; ii) humanos, como: intérpretes de Libras, intérpretes-guia; e iii) linguísticos: como Libras, Braille, imagens, entre outros recursos.

O objetivo dos recursos da TA é promover um ambiente inclusivo para os/as alunos/as. Dentro da sala de aula, diversos/as professores/as usam esses recursos de TA para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem dos/as alunos/as. Para isso, estes/as profissionais da área da Educação precisam elaborar um planejamento bem definido e executá-lo de uma maneira que faça sentido para os/as alunos/os.

A pessoa P1, que corresponde a 9% dos/as participantes, comenta sobre os desafios que enfrenta na sala de aula devido à defasagem estrutural e à falta de formação continuada para atender às necessidades dos/as alunos/as autistas.

A literatura científica que estudamos neste trabalho, como Sousa e Oliveira (2022) e Onohara, Cruz e Mariano (2018), identificaram que há muitos/as profissionais da área da Educação se sentem despreparados/as para receber esse público em sala de aula comuns, destacando a necessidade de melhoria nas condições físicas das escolas, como a infraestrutura, e a capacitação dos/as educadores/as. A falta de recursos adequados e de treinamento são problemas que podem afetar o processo de ensino-aprendizagem dos/as alunos/as com TEA.

Os indivíduos P6 e P7, que correspondem a 18% dos/as participantes, comentaram que atuam a partir das potencialidades dos/as estudantes. São docentes que demonstraram muita proximidade com a mediação da aprendizagem de estudantes autistas.

O/A participante da pesquisa P4, que corresponde a 9%, reconhecem a importância de criar um ambiente tranquilo, com poucas mudanças abruptas na rotina, para reduzir a ansiedade dos/as alunos/as autistas. Esses cuidados se referem a adequações curriculares possíveis de serem executadas com estudantes com TEA (Pinto, 2024). Para isso, o apoio tanto da família quanto da equipe pedagógica é fundamental ao trabalhar com alunos/as autistas.

Os/As professores/as P3, P8 e P10, que correspondem a 27% do total de participantes, destacaram a inclusão como fundamentada no respeito à diferença e valorização da diversidade. O participante P3 destacou a importância de trabalhar com base no respeito, enquanto o participante P9 enfatizou a adaptação do ensino conforme as necessidades dos/as estudantes autistas. Já P11 comenta que o autismo pode variar de uma pessoa para outra, o que está de acordo com a definição apresentada pelo DSM-V (APA, 2014).

Os indivíduos P2, P7 e P9, que correspondem a 27% do total de docentes, mencionaram que ações devem ser individualizadas para atender cada estudante

Em resumo, temos que as práticas pedagógicas se assentam na adequação curricular, na atenção às necessidades individuais de cada estudante e no compromisso com a mediação da aprendizagem para o/a estudante autista. Esses resultados estão próximos aos resultados das pesquisas de Gentilin (2021), Sousa e Oliveira (2022) e Onohara, Cruz e Mariano (2018).

As proximidades dos resultados estão centradas, inclusive, nas denúncias que docentes trouxeram sobre falta de estrutura e formação docente. O quadro 5 apresenta os trechos das respostas dos/as docentes ao formulário do questionário.

**Quadro 5:** apresenta as respostas para a pergunta: “como você percebe o trabalho pedagógico que você faz com alunos autistas?”

PARTICIPANTES	RESPOSTAS
P1	<i>Eu uso a adequação curricular, sempre adequando a turma/conteúdos/ e a metodologia trabalhada em prol do aluno com TEA. Mas também percebo que existe uma grande defasagem no âmbito escolar, tanto estrutural como na formação continuada de professores, eu não me sinto preparada para receber alunos TEAS em uma sala de aula comum.</i>
P2	<i>Tem que ter algo que o aluno se interesse, assim o aprendizado faz sentido para ele.</i>
P3	<i>Realizado com base no respeito e incentivo.</i>
P4	<i>Eu trabalhei com um aluno que foi diagnosticado já no segundo semestre do ano letivo. Então eu já trabalhava com atividades com algumas adaptações e atendimento individualizado. Procurei trabalhar em um ambiente mais tranquilo sem mudanças abruptas e com a ajuda dos alunos. O trabalho pedagógico foi realizado juntamente com a mãe que reforçava as atividades com o filho em casa. Portanto, acredito que fizemos um ótimo trabalho.</i>

<b>P5</b>	<i>Percebo que o aluno tem um ritmo diferente dos alunos que não estão no espectro</i>
<b>P6</b>	<i>Sou professora do AEE e o maior público que tenho são de estudantes autistas, minha atuação é diferenciada da atuação do professor da classe comum. Busco trabalhar as potencialidades dos estudantes complementando o processo educativo deles, adequando o que for necessário.</i>
<b>P7</b>	<i>Percebo um trabalho especializado realizado dentro das possibilidades voltado aos estudantes TEA nas suas respectivas turmas que são reduzidas e facilita o devido trabalho docente.</i>
<b>P8</b>	<i>Adaptado e conforme as necessidades do estudante</i>
<b>P9</b>	<i>Atuo em sala de recursos com o atendimento educacional especializado. Então, enxergo meu trabalho como uma forma de mediação das ações pedagógicas entre o estudante, a sala de recursos, o professor regente e a família, tentando realizá-lo de maneira articulada, colaborativa e individualizada, conforme as necessidades específicas de cada um.</i>
<b>P10</b>	<i>Desafiador, pois dentro de espectro existem diferentes especificidades.</i>
<b>P11</b>	<i>No ano de 2023 fui professora de Ciências no ensino fundamental anos finais em uma instituição de ensino pública do DF. Nessa instituição eu tive alguns estudantes com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. Eu percebi na época que precisava constantemente avaliar as estratégias que estava utilizando no ambiente educacional. Com isso, notei que minhas aulas em alguns momentos eram inclusivas e em outros ocorria a integração desses estudantes. Visto que as vezes, pensamos que estamos realizando uma aula inclusiva, quando na verdade estamos apenas integrando esses estudantes. Desta forma, eu vejo a necessidade de constantemente realizamos uma autoavaliação no trabalho que estamos desenvolvendo</i>

**Fonte:** Autor (2024).

Para detalhar as práticas pedagógicas utilizadas pelos/as docentes e percebidas como ações que mediam o processo de aprendizagem para estudantes com TEA, criamos uma subcategoria, nomeada atividades.

- **Subcategoria: Atividades**

Esta subcategoria detalha as práticas pedagógicas utilizadas pelos/as docentes participantes da pesquisa e percebidas como ações que favorecem o processo de aprendizagem dos/as estudantes autistas.

Foram mencionadas pelos/as docentes as seguintes ações:

- Estabelecimento de rotina

*“Eu tento estabelecer uma rotina de todos os dias com todos da turma, principalmente com o TEA” (Trecho de Questionário de P1).*

*“Individualizado, planejado, organizado. Buscado manter uma rotina na vida dos estudantes” (Trecho de Questionário de P6).*

- Identificação de interesses

*“Primeiro faço uma avaliação diagnóstica e o que ele gosta de fazer, personagem ou mesmo desenho e em cima dessa informação faço atividades como jogos pedagógicos, pinturas, recorte e colagem e exercícios diversos” (Trecho de Questionário de P2).*

*“Bem planejado, diversificado, com uso de materiais concreto, contextualizado, explorar hiperfoco sempre que possível” (Trecho de Questionário de P6).*

*“Inicialmente, eu gosto de conhecer os/as estudantes. Seja por meio de conversas com eles/as ou conversas com os/as professoras/as de outras disciplinas e do atendimento Educacional especializado. Por meio desse diálogo eu consigo conhecer um pouco os/as estudantes bem como as suas potencialidades e singularidade. Após conhecer um pouco desse/as estudante eu começo a pensar nas estratégias e recursos didático que vou utilizar nas aulas de Ciências” (Trecho de Questionário de P11).*

*“Procuro realizar as adequações necessárias, para que o estudante consiga desenvolver suas habilidades e potencialidades, estimulando a sua independência e autonomia, no seu processo das aprendizagens” (Trecho de Questionário de P11).*

- Aulas Práticas

*“Utilizar recursos como jogos e atividades que haja maior interação com todos os alunos da turma para promover a socialização. No período em que eu ministrei aula para esse aluno autista, participamos de um projeto relacionado a plantação de hortas, então tivemos que seguir alguns passos da preparação do solo até a colheita das hortaliças que eram servidas no lanche dos alunos. Cada turma tinha seu dia e horário para sair da sala e realizar o que era necessário nesse processo da horta. Tinha também os dias para sair para a recreação e para o parquinho. Na sala de aula era trabalhada atividades com massinha, tinta guache, lápis de cor, mosaicos, tesoura, cola e também*

*problemas que envolvia o cotidiano dos alunos” (Trecho de Questionário de P4).*

- Adaptações na linguagem, na avaliação e nos recursos de ensino

*“Objetivo, comandos curtos e de acordo com o currículo trabalhado no momento” (Trecho de Questionário de P8).*

*“Os estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) possuem suas devidas avaliações adaptadas, como também, os critérios avaliativos da formativa e cumprimento das atividades reajustados, segundo as particularidades de cada caso, sendo o acompanhamento pontual das atividades práticas direcionadas, metodologias diversas e atividades de sala. Sempre realizo uma Avaliação para as Aprendizagens adaptada” (Trecho de Questionário de P10).*

*“Sempre tentando utilizar os pensamentos de Montoan e Vigotski durante o meu planejamento. Trabalhar de forma inclusiva é muito difícil, mas não é impossível. Nesse percurso vamos cometer erros, mas isso faz parte do nosso processo de construção como professores/as. Ao longo do ano letivo vou conhecendo mais esses/as estudantes e com isso consigo planejar melhor as minhas aulas de forma que todos consigam participar” (Trecho de Questionário de P11).*

### **Categoria 3: Atendimento Educacional Especializado - AEE**

Esta categoria buscou identificar a percepção dos/as docentes sobre o AEE, que é um direito do/a estudante autista. Todo/a estudante autista tem direito à complementação pedagógica para que suas dificuldades sejam superadas a partir da estimulação de suas potencialidades (Brasil, 2008).

Se o/a estudante com autismo tiver altas habilidades, quadro que definimos como dupla excepcionalidade, o/a estudante tem direito ao atendimento do AEE na suplementação pedagógica também (Brasil, 2008; Silva; Caixeta, 2021).

Os/As participantes P1, P2, P4, P6, P8, P9, P10 e P11, que correspondem a 75% dos/as docentes participantes, indicaram que seus alunos e suas alunas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) têm acesso ao Atendimento Educacional Especializado (AEE).

O AEE é um direito, mas mães, pais ou responsáveis podem matricular ou não o/a estudante com TEA na Sala de Recursos para receber a complementação pedagógica ou a suplementação pedagógica (Brasil, 2008).

Houve, entre os/as docentes, uma professora que mencionou não haver sala de recursos na escola onde ela atua.

P2, P3, P5 e P7 que correspondem a 36,36% dos/as participantes, revelaram que há variações na disponibilidade de Sala de Recurso nas escolas.

Também houve uma docente que mencionou que o AEE é feito com profissionais especialistas fora da escola.

O quadro 6 traz informações dos/as docentes sobre o AEE. O importante é frisar que o AEE é entendido pela maior parte dos/as docentes, cujos/as estudantes têm acesso a ele, como um atendimento que possibilita a aprendizagem e o desenvolvimento do/a estudante com TEA, seja pelas adaptações que são feitas nas Salas de Recursos, durante os atendimentos individuais ou em pequenos grupos, seja na parceria com os/as docentes regentes, seja na adaptação de recursos de ensino.

**Quadro 6:** respostas dos/as docentes para a pergunta “o/a estudante com TEA, que você ensina, participa do Atendimento Educacional Especializado? Se sim, você sabe como você percebe esse atendimento?”

<b>PARTICIPANTES</b>	<b>RESPOSTAS</b>
<b>P1</b>	<i>Sim, vejo bastante evolução nas crianças e no desenvolvimento na sala de aula</i>
<b>P2</b>	<i>Os meus alunos têm atendimentos, mas não participo por ser mais de um aluno e o atendimento acontece de forma individual. Mas é possível perceber que auxilia o aluno no desenvolvimento.</i>
<b>P3</b>	<i>Não</i>
<b>P4</b>	<i>Na época o aluno não tinha Atendimento Educacional Especializado na escola, mas a sua mãe sempre presente na escola e na vida do filho conseguiu atendimento particular com especialistas.</i>
<b>P5</b>	<i>Não</i>
<b>P6</b>	<i>Eu sou a professora do AEE</i>
<b>P7</b>	<i>Não, na escola que trabalho não há Sala de recursos.</i>
<b>P8</b>	<i>Sim, em contato com a professora da sala de recursos que reforça as habilidades necessárias e que precisam ser trabalhadas</i>
<b>P9</b>	<i>Sim. Percebo que o AEE (seja de natureza complementar ou suplementar) possibilita diferentes oportunidades para que o estudante consiga ser contemplado no contexto escolar, buscando desenvolver estratégias pedagógicas mais assertivas para que a educação seja mais justa e democrática.</i>
<b>P10</b>	<i>Sim. Ele sente apoio e acolhimento</i>
<b>P11</b>	<i>Sim, eles/as participavam do AEE. Esse atendimento foi muito importante, visto que ele se complementava com o</i>

*que eu estava desenvolvendo na sala de aula. Mas, isso só foi possível graças ao diálogo entre eu e os professores do AEE. Por meio dessa conversa podíamos perceber o que estava dando certo e o que não estava, qual a melhor estratégia e recurso didático utilizado.*

**Fonte:** Autor (2024).

## Considerações Finais

Em 2024, um questionário foi criado no *Google Forms* e distribuído a onze professores/as da Educação Básica do Distrito Federal. O *link* do formulário foi enviado por *WhatsApp* a docentes que atuavam com estudantes com Transtorno do Espectro Autista.

O formulário do questionário foi aberto na quinta-feira, 4 de julho, e fechado no sábado, 20 de julho. Portanto, este formulário de questionário ficou aberto durante dezessete dias para que os/as professores da Educação Básica pudessem responder as perguntas.

As informações coletadas foram submetidas a uma análise e interpretação qualitativas, com o objetivo de identificar padrões nas respostas dos/as participantes. Inspiramo-nos no método de Análise de Conteúdo.

Este trabalho de Conclusão de Curso conseguiu respostas de doze professores/as da Educação Básica. Estes/as profissionais da área da Educação assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A pesquisa permitiu compreender que a prática pedagógica é uma ação intencional de educar. No caso do processo educativo de estudantes autistas, os/as docentes defenderam que a prática pedagógica necessita de adequação de conteúdo, linguagem, tempo, avaliação e recurso de ensino, como uso de jogos e materiais concretos.

Os/As docentes reconheceram que um ambiente calmo é muito importante para se trabalhar com estudantes autistas, assim como manter rotinas que geram previsibilidade do que vai acontecer na aula.

Aprendemos com os/as participantes da pesquisa que muitos/as estudantes com Transtorno do Espectro Autista se beneficiam do Atendimento Educacional Especializado. Com este serviço, suas necessidades específicas são atendidas, pois o/a professor/a que promove esse atendimento, recebeu formação específica em TEA. Apesar disso, é importante mencionar que parte dos/as participantes da pesquisa relatou que não se percebem preparados/as para receber esse tipo de público na sua sala de aula. Para eles/as há defasagem estrutural, tanto falta de recursos materiais quanto de formação continuada para atender as necessidades específicas de estudantes autistas. Apesar disso, notamos que a maioria dos/as professores/as que respondeu o formulário do questionário comentou sobre a importância de fazer adequações

curriculares e metodológicas para que os/as alunos/as autistas possam participar das aulas de maneira afetiva e significativa para si e para a turma.

Portanto, acreditamos que os objetivos específicos desta pesquisa foram cumpridos com sucesso, pois conseguimos compreender um pouco da realidade tanto dos/as professores quanto dos/as alunos/as autistas na sala de aula.

### Referência Bibliográfica

ALMEIDA, M. Â. V. de; BASTOS, H. F. B. N. Nova Didática das Ciências e a Reforma do Ensino Médio: Por Dentro de uma Escola Pública. Contexto & Educação, Pernambuco, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), n. 77, p. 213-240, jan./jun. 2007. Disponível em: <<https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/download/1091/846>>. Acesso em: 29 mar. 2022.

APA - AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARROYO, M.G., (1988). Função social do ensino de ciências. In: Em Aberto, nº 40.

BARBOSA, K. P.; PERES, C. P.; PRZYLEPA, M. O trabalho pedagógico do professor de apoio na inclusão de alunos com transtorno do espectro autista. **Rev. Educ Esp.** v. 5, n. 9, p. 131- 148, 2020

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2016.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

BRASIL. Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto nº 6.253, de 13 de novembro de 2007. Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, DF, set. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_sit e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf). Acesso em 10 jun. 2021.

CONTE, Elaine; BASEGIO, Antonio Carlos. Tecnologia Assistiva: recursos pedagógicos à inclusão humana. Temas em Educação, João Pessoa, v. 24, p. 28-44, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/20242> Acesso em: 30 jan. 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1974. FREIRE, Paulo

GENTILIN, Ana Floripes Berbert. Competências socioemocionais: Prática docente frente ao desafio do trabalho na área do transtorno do espectro autista. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 06, Ed. 09, v. 05, p. 163- 198. Setembro de 2021. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/frente-ao-desafio>, DOI: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/frente-ao-desafio

GARRAFA, V. Da bioética de princípios a uma bioética interventiva. *Bioética*. 2005; 13(1):125-134

GERMANO, J. C. A (auto)Formação Inclusiva de uma Professora de Ciências na Vivência com um Aluno com TEA. 2021. 127 f. Dissertação [Mestrado em Ensino de Ciências] – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências. Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

GHIRALDELLI JR, Paulo. *O que é pedagogia*. São Paulo: Brasiliense, v. 4, 1987.

LOPES, L.C.L.F. Percepção docente acerca da inclusão escolar de alunos com transtorno do espectro autista. Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação, 2017

Madureira, N. L. V., Xavier, M. J. B., Costa, N. M. V., & dos Santos Flexa, T. T. (2022). Práticas pedagógicas para alunos com TEA: estado da arte em dissertações brasileiras dos últimos dez anos. *Nova revista amazônica*, 10(2), p. 23-37.

MALUF, Fabiano; GARRAFA, Volnei. O termo de consentimento livre e esclarecido nas pesquisas com seres humanos: um estudo de caso. **Revista Bioética**, v. 19, n. 3, p. 725-739, 2011.

MARTINS, H. H. T. Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e pesquisa*, v. 30, n. 02, p. 289-300, 2004.

NUNES, D. R. de P.; AZEVEDO, M. Q. O.; SCHMIDT, C. Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura 2013, Disponível em: < <http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial> > Acesso em: 30 de Agosto de 2017.

OLIVEIRA, A. R. de P.; MUNSTER, M. A. V.; GONÇALVES, A. G. Desenho Universal para aprendizagem e educação inclusiva: uma revisão sistemática da literatura internacional. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Bauru, v. 25, n. 4, p. 675-690, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1413-65382519000400009>

PINTO, J. C. et al. Adolescência e Autismo: considerações. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 8, p. 149-159, 2024.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. Metodologia de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Penso, 2013. p. 30-72.

SILVA, R. L. J. da.; CAIXETA, J. E. Duplo AEE para estudantes com dupla excepcionalidade: percepções de professores. IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA - IV CINTEDI - EDIÇÃO DIGITAL. v. 6 n. 1, 2021. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REIN/article/view/599>. Acesso em: 15 jan. 2022.

SOUZA, C. J. de; REZENDE, L. F. o trabalho pedagógico e a inclusão escolar para crianças com transtorno do espectro do autismo (TEA). Research, Society and Development, Brasil, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, v. 10, n. 13, p. 1-9. 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/pc/Downloads/21486-Article-258931-1-10-20211018.pdf>. Acesso em 16 jun. 2022.

Sousa, NM, Fernandes, R, Oliveira, LCC. O transtorno do espectro autista (TEA) e a inclusão escolar: os sentidos dos professores do ensino fundamental. Nova Revista Amazônica. 2022,10(3):43-53. <http://dx.doi.org/10.18542/nra.v10i3.13592>

UNESCO. Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE). Declaração de Salamanca de princípios, política e prática para as necessidades educativas especiais. Brasília: CORDE, 1994.

## APÊNDICE 1: Formulário de Questionário



**UnB/Universidade de Brasília**  
**FUP/Faculdade UnB Planaltina**

### QUESTIONÁRIO

Prezado/a Professor/a,

Eu me chamo Matheus Pereira de Almeida, sou estudante de graduação do curso de Licenciatura em Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina – FUP, e estou fazendo uma pesquisa qualitativa, com a finalidade de compreender a percepção de professores e professoras acerca do trabalho pedagógico envolvendo alunos e alunas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Portanto, eu preciso e solicito sua ajuda no sentido de responder esse questionário.

### **Justificativa**

Na contemporaneidade, o caso de diagnósticos de pessoas com Transtorno do Espectro Autista tem aumentado muito no território brasileiro. Algumas escolas notaram um aumento significativo de número de estudantes com TEA matriculados/as na Educação Básica. Diante desta realidade, a pesquisa deseja compreender: i) a formação docente de profissionais que atuam com estudantes com TEA; ii) as características do trabalho pedagógico oferecido por docentes a estudantes com TEA e iii) as características do Atendimento Educacional Especializado ofertado para os/as estudantes com TEA.

### **Direitos**

Você tem o direito ao sigilo. Isso significa que seu nome não será divulgado em hipótese alguma. Sua participação na pesquisa é voluntária e você pode desistir da pesquisa a qualquer momento.

A divulgação dos resultados será para processos de formação docente e para divulgação científica.

### **Obrigado pela participação!**

Matheus Pereira de Almeida

e-mail: [matheuspereiradealmeidateteu@gmail.com](mailto:matheuspereiradealmeidateteu@gmail.com)

- 1) Como você percebe o trabalho pedagógico que você faz com alunos e alunas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)?

---

---

---

---

---

---

---

- 2) Quais são as características do trabalho pedagógico que você desenvolve com estudantes autistas?

---

---

---

---

---

---

---

- 3) O/a estudante com TEA, que você ensina, participa do Atendimento Educacional Especializado? Se sim, você sabe como funciona esse atendimento

---

---

---

---

---

---

---

**Muito obrigado pela participação!**

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE**



**UnB/Universidade de Brasília  
FUP/Faculdade UnB Planaltina**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA**

Prezado/a Professor/a,

Eu, Matheus Pereira de Almeida, estudante de graduação do curso de Licenciatura em Ciências Naturais, da Faculdade UnB – FUP, estou realizando uma pesquisa sob orientação da Professora Juliana Eugenia Caixeta. A pesquisa investiga a percepção de professores e professoras acerca do trabalho pedagógico envolvendo alunos e alunas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

#### **Justificativa**

Na contemporaneidade, o caso de diagnósticos de pessoas com Transtorno do Espectro Autista tem aumentado muito no território brasileiro. Algumas escolas notaram um aumento significativo de número de estudantes com TEA matriculados/as na Educação Básica. Diante desta realidade, a pesquisa deseja compreender: i) a formação docente de profissionais que atuam com estudantes com TEA; ii) as características do trabalho pedagógico oferecido por docentes a estudantes com TEA e iii) as características do Atendimento Educacional Especializado ofertado para os/as estudantes com TEA.

#### **Direitos**

Você tem o direito ao sigilo. Isso significa que seu nome não será divulgado em hipótese alguma. Sua participação na pesquisa é voluntária e você pode desistir da pesquisa a qualquer momento.

A divulgação dos resultados será para processos de formação docente e para divulgação científica.

Neste trabalho, eu fiz um questionário, com o objetivo de coletar os dados. Peço sua ajuda para respondê-lo de forma sigilosa.

Os dados coletados serão organizados de forma agrupada.

Durante a coleta de dados, você pode expressar a sua opinião ou tirar dúvidas.

Para o/a participante interessado/a, serão enviados, por e-mail, o resultado desta pesquisa.

**Matheus Pereira de Almeida**

Aluno da Faculdade UnB Planaltina

**Juliana Eugenia Caixeta**

Professora da Faculdade UnB Planaltina

---

### CONSENTIMENTO DO/A PARTICIPANTE

Eu, \_\_\_\_\_.  
ESTOU ciente que fui esclarecido/a sobre a pesquisa. Desta forma, CONSINTO a minha participação nesta pesquisa, com a fins de estudo, publicação de ensaio, publicação em revista científica, livros, congressos, artigos científicos e outras atividades.

Brasília,

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

DF